

**Evasão e permanência em cursos superiores de uma Instituição Agrícola – o caso do
Campus Alegre do IFES**

*Dropout and permanence in higher courses of an Agricultural Institution - the case of the
Campus Alegre of IFES*

Oldair Luiz Gonçalves
João Martins Tude
Jair Sampaio Soares Junior
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Salvador- Bahia-Brasil

Resumo

Este trabalho apresenta um estudo sobre a evasão nos cursos de graduação presencial do campus Alegre do IFES, com base em dados fornecidos pela Coordenação de Registro Acadêmico do Instituto. Nos estudos quantitativos realizados, foram obtidas as taxas anuais de ingresso, evasão e formatura do campus. Baseado no “Modelo do Processo de Abandono” de Spady (1970), com a utilização de quatro das seis categorias definidas pelo autor e apresentando um estudo teórico, censitário, através de estudo de caso e de uma abordagem descritiva, buscou-se atingir o objetivo proposto, ou seja, investigar a evasão em um campus agrícola através da análise de quatro variáveis: sexo, idade ao ingressar no curso, renda per capita e cor/raça. Através do resultado obtido foi traçado um perfil do aluno que mais opta por se evadir, por decisão própria ou mesmo por fatores externos à sua vontade, no campus para, de posse destes dados, propor ações de identificação precoce e intervenções na busca da mitigação do fenômeno.

Palavras-chave: Evasão; campus Alegre; Ifes

Abstract

This paper presents a study on the dropout rates of in-person undergraduate courses at the Alegre campus of IFES, based on data provided by the Institute's Academic Registry Coordination. In the quantitative studies, the annual rates of admission, dropout and graduation of the individuals were obtained. Based on Spady's (1970) "A Theoretically Based Model of the Undergraduate Dropout Process" using four of the six categories defined by the author and presenting a theoretical, census-based study through a case study and a descriptive approach, we sought to achieve the proposed goal of investigating evasion in an agricultural campus through the analysis of four variables: sex, age at enrollment, income per capita and color/race. The obtained result allowed us to draw a general profile of the student who opted to evade, by his own decision or even by factors external to his will, the campus in order to propose actions of early identification and intervention as a way of mitigating the phenomenon.

Key-words: Dropout; campus Alegre; Ifes

1. Introdução

A desistência de concluir os estudos e denominada de evasão é um fenômeno de análise bastante complexa, com o envolvimento de questões administrativas, econômicas, emocionais e pedagógicas, se manifestado em todos os níveis de ensino apesar de todos os esforços despendidos na busca de sua correção (BAGGI; LOPES, 2011). Pode ser vista como um fenômeno de múltiplas formas e se manifestando como a saída do curso, do campus, da instituição, do sistema de ensino, como a não conclusão de certo nível de ensino ou ainda como o abandono temporário com retorno posterior (HEIJMANS, FINI E LUSCHER, 2013; BAGGI; LOPES, 2011).

Silva, et al (2012) reconhecem que a evasão indica falhas no processo de ensino e ineficácia nos serviços prestados, representando desperdícios financeiros pois utiliza uma estrutura física e acadêmica que atenderia a um grupo inicial e, por conta da evasão, acaba se destinando a um quantitativo menor de alunos. Ainda segundo os autores, a evasão possui efeitos negativos, principalmente para a sociedade, pois pode provocar desperdício de capacidade voltada à formação e capacitação de pessoas, menor eficiência produtiva das empresas, perda de competitividade nacional e carência de mão de obra especializada.

Além disso, impede que ocorram mudanças sociais necessárias à qualidade de vida dos indivíduos (GAIOSO, 2005), já que os estudantes desistentes consideram a evasão como o próprio insucesso em alcançar os objetivos pretendidos quando ingressam em uma instituição de ensino (KIPNIS, 2000).

O objetivo desta pesquisa foi investigar a evasão de alunos dos cursos superiores de um *campus* agrícola do Instituto federal do Espírito Santo, no caso o *campus* Alegre, através de uma análise efetuada nos quatro cursos ofertados atualmente: Tecnólogo em Cafeicultura; Tecnólogo em Análise e desenvolvimento de Sistemas; Engenharia de Aquicultura e Licenciatura em Biologia, a partir das informações de 4 variáveis: Sexo, Idade ao entrar no curso, Renda per capita e cor/raça.

2. O *campus* Alegre – Breve Histórico

O programa de ensino agrícola de grau elementar e médio foi institucionalizado no Brasil pela Lei Orgânica do Ensino Agrícola, através do Decreto-Lei nº 9.613 (DOU, 1946) que criava as escolas agrícolas com funcionamento em regime de internato e onde seriam

ministradas as quatro séries do primeiro ciclo (Antigo Ginásio Agrícola, atual Ensino Fundamental II) e as três séries do segundo ciclo (Atual ensino médio), fazendo com que, ao final deste, os alunos formados tivessem direito ao diploma de Técnico em Agricultura. Ao longo do tempo, as escolas agrícolas, em geral, passaram por diversas modificações, especificadas no quadro a seguir:

Quadro 1: Panorama histórico do campus Alegre-ES

Data	Lei	Observação
1946	Decreto-Lei 9.613	Criação das Escolas Agrícolas
07/05/1953	-	Criação da Escola Agrícola de Alegre - EAA
20/12/1961	Lei nº 4.024	Promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
13/02/1964	Decreto 53.558	Alterada a denominação para Colégio Agrícola de Alegre - CAA
04/09/1979	Decreto 83.935	Passa a ter a denominação de Escola Agrotécnica Federal de Alegre - EAFA
29/12/2008	Lei nº 11.892	Se torna um <i>campus</i> do Ifes

Fonte: Elaboração do autor

Assim, os recém-criados Institutos Federais, através da integração do Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo (CEFETES) e das Escolas Agrotécnicas Federais de Alegre, Colatina (campus Itapina) e Santa Teresa, são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, conjugando os conhecimentos técnicos e tecnológicos com práticas pedagógicas (GONÇALVES, 2018).

Neste “*paper*” optou-se pelo estudo dos cursos de nível superior presencial, em busca de compreender a dinâmica do fluxo “*ingresso / permanência / formatura ou evasão*” dos ingressantes e os papéis que as quatro variáveis estudadas (idade, sexo, cor, renda) têm no processo de evasão.

3. A Evasão no Ensino Superior

O estudo da evasão está inserido no cerne de uma discussão que considera o compromisso institucional de uma escola com as questões e os problemas de seu tempo e as perspectivas de futuro projetadas para a sua realidade. Observa-se que, no intervalo ocorrido entre o ingresso e a titulação do estudante existe uma interação que se processa e é necessária de se reconstruir na busca de entender algo sobre as escolas, as dificuldades encontradas e as questões postas para o corpo de estudantes. Assim, a evasão pode ser definida como um

fenômeno educacional complexo, com a interrupção do ciclo de estudos e tendo se tornado, ao longo do tempo, em um problema preocupante e recorrente em todos os tipos de instituições de ensino. Pela visão da instituição, a evasão pode ser entendida como a perda de alunos nos diversos níveis de ensino, provocando inúmeras consequências sociais, acadêmicas e econômicas (CUNHA; MOROSINI, 2013).

3.1 Conceituando Evasão e Diagnosticando suas Motivações

Na busca de um entendimento mais amplo sobre a evasão, o Ministério da Educação (BRASIL, MEC, 1996) definiu como três os fatores influenciadores da evasão, quais sejam: fatores externos às instituições; fatores internos às instituições e fatores individuais.

Por fatores externos entende-se o mercado de trabalho; o reconhecimento (ou a falta deste) social da carreira escolhida; a conjuntura econômica; a desvalorização da profissão; a dificuldade de atualização perante as evoluções tecnológicas, econômicas e sociais da contemporaneidade e as políticas governamentais.

Já os fatores internos às instituições podem ser divididos em fatores relacionados às questões acadêmicas com a existência de currículos desatualizados, cadeia rígida de pré-requisitos e falta de clareza sobre o projeto didático-pedagógico do curso e; fatores relacionados às questões didático-pedagógicas como critérios impróprios de avaliação do desempenho discente, falta de formação pedagógica ou desinteresse dos docentes, ausência ou pouco desenvolvimento de ações institucionais e a inexistência de uma estrutura eficiente de apoio ao ensino.

Finalmente, como fatores individuais dos estudantes, temos principalmente as questões relacionadas às habilidades de estudo, à personalidade, à formação escolar anterior, à escolha precoce da profissão, à falta de adaptação à vida estudantil e às dificuldades encontradas por conta de reprovações ou baixa frequência.

A partir destes conceitos prévios, efetuou-se uma revisão de literatura que identificou a existência de um número maior de motivações para a decisão de se evadir, seja por vontade própria ou por conta das inúmeras dificuldades apresentadas, por parte dos discentes. Uma das causas mais citadas é o desempenho acadêmico, com a apresentação de dificuldades de acompanhamento do curso; desempenho insatisfatório; carga elevada de aulas, conteúdo e trabalhos; clima de pressão, repetência e baixa frequência às aulas (TIBOLA, 2010; GAIOSO, 2005; LINS; SILVA, 2005).

O fato é que, após a reprovação em uma ou mais disciplinas, os alunos estão mais propensos a desistirem de seus cursos, e, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2004), repetência e evasão são fenômenos que, em muitos casos estão interligados, e ocasionam grande parte do abandono aos cursos. Além disso, Fregoneis (2002) afirma que a reprovação nas disciplinas consideradas difíceis possui influência na decisão de continuar ou não os estudos e que, alguns critérios de avaliação adotadas pelas instituições ou seus docentes, contribuem para a desistência.

Outros fatores que podem ser apresentados como de grande impacto na decisão do aluno a se evadir é a existência de deficiências didáticas dos docentes (GAIOSO, 2005; LINS; SILVA, 2005); deficiências que acompanham os alunos desde a educação básica, especialmente em redação, leitura e interpretação matemática (BRISSAC, 2009); além da utilização de docentes inexperientes nos semestres iniciais dos cursos (SCHARGEL; SMINK, 2002).

A existência de cursos com currículos longos e desatualizados em relação ao mercado (CASTRO, 2012); a ausência de integração entre as disciplinas além do desconhecimento dos docentes sobre as disciplinas de outros professores (LINS; SILVA, 2005) também são fatores que são influenciadores na tomada de decisão dos alunos.

Outro gargalo diz respeito ao ambiente sócio acadêmico onde a falta de um processo de adaptação do estudante ao sistema de ensino (GAIOSO, 2005); a ausência de um sistema de orientação profissional e apoio pedagógico (LINS; SILVA, 2005); além de orientações insuficientes por parte da coordenação do curso (GAIOSO, 2005) diminuem a vontade dos alunos em permanecer na instituição ou nos cursos. Neste sentido também se pode incluir a dificuldade de aplicação de ações institucionais por parte dos gestores ou até mesmo a falta destas na busca de evitar a evasão (CUNHA, TUNES; SILVA, 2001).

Ainda deve-se levar em consideração a existência de interesses e condições pessoais (familiares, profissionais e financeiras) como fatores motivadores da evasão. Pode-se citar por exemplo a frustração das expectativas em relação ao curso (SILVA, 2012; BRISSAC, 2009); dificuldades financeiras que ocasionam a necessidade de ingresso ou retorno imediato ao mercado de trabalho (TIBOLA, 2010); insegurança pessoal quanto ao seu futuro profissional (CUNHA, TUNES; SILVA, 2001) e a necessidade de atender a compromissos familiares (BRISSAC, 2009; GAIOSO, 2005). Deve-se levar em conta também que, muitas vezes a opção de se evadir

independe da vontade do aluno, e este o faz por condições extremas e incontornáveis naquele momento em particular.

Em contraposição às condições influenciadoras da evasão, Tinto (1997) e Robbins et al (2004) explicam que a persistência é um componente fundamental no fator motivacional do indivíduo, que acrescida da intensidade e direcionamento dos esforços de uma pessoa em busca de alcançar seu objetivo podem ser determinantes na decisão de permanência do aluno no curso.

3.2 Apresentando os Estudos sobre a Evasão

O processo de formação pelo qual o aluno passa ao ingressar em determinado curso pode, e deve, ser estudado a partir de diferentes perspectivas pois, enquanto há os que se diplomam no período normal do curso, existem os que necessitam de mais tempo, por diversos motivos e, finalmente, os que decidem pelo abandono do curso, de forma espontânea ou levados a este extremo por conta de inúmeras situações ocorridas durante o percurso. Esse processo de permanência e evasão tem sido estudado e teorizado desde os anos 1950, a partir de diferentes pontos de vista, embora a prioridade seja sempre a relação ocorrida entre a instituição e o estudante e as circunstâncias que motivam a interrupção dessa integração.

Por conta de uma grande expansão no número de instituições e também de alunos, no período pós-segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos, na década de 1950, e visando atender à crescente demanda de uma sociedade que já era plenamente industrializada e carecia de mão de obra qualificada, surge também a necessidade de se estudar o fenômeno da evasão. Com isso, aparecem os primeiros estudos na busca de entender o problema e produzir conhecimentos com intuito de fomentar estratégias institucionais para a mitigação do fenômeno (BERGUER; LYON, 2005).

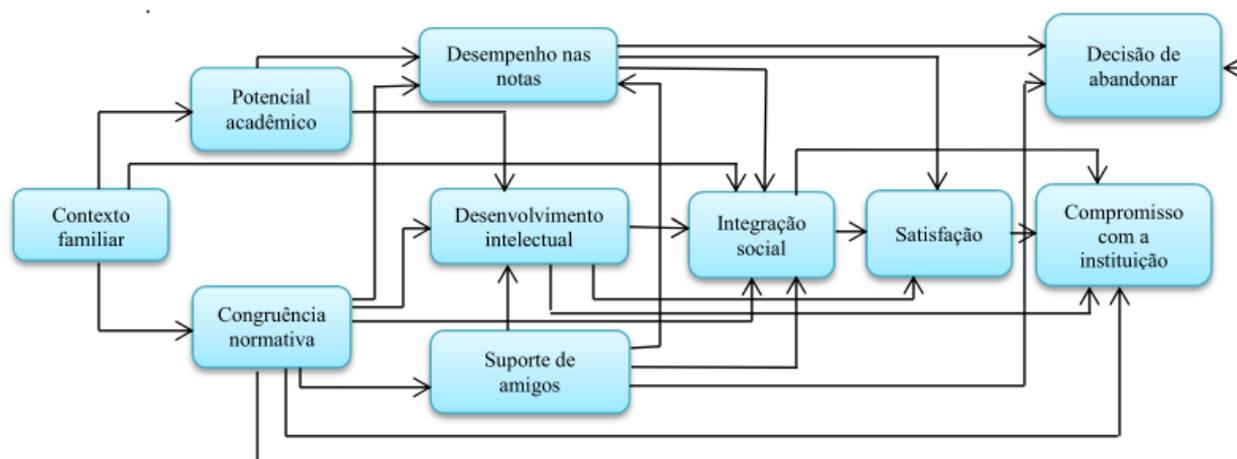
Ainda nos Estados Unidos, durante os anos 1960, em decorrência da grande expansão ocorrida no setor educacional na década anterior, diversos problemas relacionados à necessidade de convivência entre estudantes possuidores de uma ampla diversidade étnica, cultural e socioeconômica vieram à tona. Além disso, as demandas da economia forçavam alterações curriculares, aumentando as pressões para que os estudantes obtivessem destaque em suas performances acadêmicas (CISLAGHI, 2008).

Quadro 2 – Síntese de teorias e modelos sobre a permanência e evasão em Instituições de Ensino

Abordagem	Autores	Denominação	Elementos / Variáveis
Sociológica	Spady (1970)	Modelo do Processo de Abandono	- Contexto familiar; Congruência normativa; suporte de amigos; Integração social; Desempenho acadêmico.
	Tinto (1975, 1994, 1997)	Teoria da Integração do Estudante	- Integração social e acadêmica; Compromisso com o objetivo; Compromisso com a instituição; Qualidade do esforço do estudante; Compromissos externos.
	Cabrera, Nora e Castañeda (1992)	Modelo Integrado de Permanência	- Capacidade de pagamento; Desempenho de notas; Compromisso com a instituição; Compromisso com o objetivo.
	Nora, Barlow e Crisp (2005)	Modelo do Comprometimento	- Experiências acadêmicas e sociais; Resultados cognitivos e não cognitivos; Compromissos iniciais e finais.
	Braxton, Hirschi & MacClendon (2004)	Modelo Conceitual do abandono de estudantes em IES de tempo parcial	- Características do estudante; Ambiente do <i>campus</i> ; Integração acadêmica/ Compromisso com a Instituição.
Psicológica	Bean (1980); Beans & Metzner (1985)	Teoria de desgaste do estudante não tradicional	- Fatores pré-ingresso; Fatores ambientais; Resultados acadêmicos; Resultados psicológicos.
	Pascarella (1980)	Modelo de desgaste	- Contato informal com professores; Outras experiências acadêmicas; Resultados educacionais.
	Astin (1984)	Teoria do envolvimento do estudante	- Oportunidades para envolvimento; Envolvimento do estudante.
	MacKinnon-Slaney (1991)	Modelo de desgaste de estudantes adultos	- Questões pessoais; Questões de aprendizado; Questões ambientais.

em uma década repleta de movimentos sócio-políticos-culturais, a existência de grande insatisfação sobre os aspectos políticos e funcionais da vida acadêmica além de movimentos pelos direitos civis, ativismo e rebelião, provocavam grande inquietação nos *campi* fazendo crescer os índices de evasão e o início do reconhecimento do fenômeno, ocasionando o surgimento de diversas teorias (apresentadas acima, no quadro 2) que, além de buscar a delimitação do problema também intensificaram a demanda por soluções para além do monitoramento do nível de matrículas.

Figura 1. Modelo do Processo de Abandono



Fonte: Spady, 1970 (Tradução nossa)

Apresentados alguns dos modelos desenvolvidos para o estudo da evasão, optou-se neste artigo na utilização do “Modelo do processo de abandono escolar”, apresentado detalhadamente na figura 1 (acima), e desenvolvido por William G. Spady que, baseado em evidências empíricas se constituiu na primeira estrutura conceitual que visava apoiar o desenvolvimento sistemático da compreensão do fenômeno. Os estudos de Spady (1970) foram agrupados em seis categorias: *i. Filosóficas ou teóricas* – desenvolvidas a partir da premissa que a evasão deveria ser evitada e resultando em recomendações para a sua prevenção; *ii. Censitárias* – que descreviam a extensão dos índices de evasão, trancamento e transferências institucionais e interinstitucionais; *iii. Autópsias* – que colhiam e apresentavam as visões dos estudantes evadidos sobre os motivos que os levaram a abandonar os cursos e as instituições; *iv. Estudos de caso* – com o rastreamento da trajetória de estudantes previamente identificados como “de risco”, buscando esclarecimentos do que os torna bem ou mal sucedidos em sua tentativa de termina o curso; *v. Abordagens descritivas* – com detalhamento das características dos estudantes evadidos e de suas experiências e; *vi. Estudos preditivos* – cujo objetivo era a identificação dos critérios de admissão que permitiam prever o potencial de sucesso dos estudantes.

O modelo de Spady (1970) foi desenvolvido a partir da “Teoria do Suicídio” de Émile Durkheim (1951) onde este explica que a probabilidade do indivíduo cometer suicídio aumenta com a existência de baixa integração social. Spady (1970) alega também que esta integração social afeta da mesma maneira o estudante que deve optar pela evasão ou não.

3.3 Evasão: Como calcular?

quantitativo de alunos que permanecem matriculados, sendo possível então, através desta, chegar ao número de alunos evadidos:

$$P = [M(n) - Ig(n)] / [M(n - 1) - Eg (n-1)]$$

Onde:

P = Permanência;

M (n) = Matrículas em determinado ano;

M (n-1) = Matrículas no ano anterior;

Ig (n) = Novos ingressantes no ano “n” e;

Eg (n-1) = egressos do ano anterior (ou seja, concluintes).

Em busca dos melhores resultados para o cálculo percentual da evasão nos cursos, onde a análise e utilização correta destes dados buscam garantir o melhor e mais imparcial entendimento do problema, construiu-se as tabelas da seguinte forma:

1: Ingressantes são os alunos que acabaram de entrar no curso em questão;

2: Matriculados no início do ano é a soma dos matriculados no final do ano anterior com os ingressantes;

3: Matriculados no final do ano é o resultado do seguinte cálculo:

Matriculados Início Ano – (Evadidos + T. Interna + Formados + Trancados + Falecidos)

4: O cálculo da evasão é feito através da divisão do número de alunos evadidos pelo número de alunos matriculados no início do ano¹:

$$\% \text{ Evasão} = \text{Alunos Evadidos} / \text{Alunos Matriculados}$$

Os dados utilizados foram disponibilizados pela instituição em busca de um diagnóstico preciso da situação do *campus*,

4. Metodologia

O presente estudo se construiu a partir de uma perspectiva qualitativa, com a utilização do método descritivo, onde inicialmente foram levantadas informações junto à Coordenação de Registro Acadêmico (CRA) do *campus* estudado sobre o quantitativo de alunos ingressantes no período compreendido entre 2010 e 2018.

Para esta pesquisa foi utilizado o estudo censitário que, segundo Malhotra (2001), envolve a enumeração completa dos elementos de uma população, sendo uma técnica

indicada para populações pequenas. Sendo assim, o grupo amostral foi formado pelos alunos que ingressaram nos cursos de nível superior do *campus* Alegre entre 2010 e 2018.

Os dados coletados foram processados através da ferramenta “Calc” do programa “LibreOffice 6.1”, onde também foi realizada a análise estatística dos resultados. Isto procurou atender à preocupação em descrever, analisar e interpretar os dados coletado através dos questionários aplicados junto aos sujeitos da pesquisa.

Para efeitos de análise foram definidos alguns parâmetros para a análise: Faixa etária no período de ingresso do aluno, sexo, cor/raça e renda per capita e, a partir da análise destes dados se torna possível identificar algumas tendências no comportamento do estudante, permitindo uma avaliação precoce dos alunos em risco de evasão e a tomada de ações na busca da mitigação do fenômeno.

5. Resultados e Discussões

Neste tópico serão apresentadas algumas informações pertinentes sobre o Instituto Federal do Espírito Santo, sobre o *campus* Alegre e sobre a pesquisa em si, buscando embasar o próximo capítulo que apresentará as considerações finais do artigo.

5.1 Curso Superior de Tecnologia em Cafeicultura

Tendo o início de suas turmas no primeiro semestre de 2010, o Curso de Tecnologia em Cafeicultura é um curso de nível superior, na modalidade presencial, com ofertas de turmas no período matutino, duração de 3 anos e carga horária de 2.400 horas. Seu ingresso atualmente é através do processo seletivo efetuado pelo Sisú, com oferta de 40 vagas, sempre no primeiro semestre. O curso foi autorizado através da Resolução CS nº 03/2010 de 29 de março de 2010 (IFES, 2016).

No quadro apresentado a seguir, verifica-se o desenvolvimento do curso desde a sua implantação em 2010, onde iniciou com uma evasão de 32,35%, evasão esta que se manteve neste patamar até 2015 quando, houve uma queda abrupta para 15,19% para subir novamente em 2016. Em 2017 nova queda seguida de novo crescimento em 2018. Em números absolutos, verificou-se o ingresso de 345 alunos entre 2010 e 2018, com um total de 90 alunos formados (27,53%) a partir de 2012 e a evasão de 195 discentes, o que dá um percentual de 56,52%.

Tabela 1 – Dados gerais do curso de Tecnologia em Cafeicultura

Ano	Ingressantes	Matriculados Início Ano	Evadidos	Transf. Interna	Formados	Trancados	Matriculados Final ano	% Evasão
2010	34	34	11	0	0	0	23	32,35%

Evasão e permanência em cursos superiores de uma instituição agrícola – o caso do Campus Alegre do IFES

2011	33	56	18	0	0	0	38	32,14%
2012	44	82	28	0	14	0	40	34,15%
2013	40	80	25	0	10	0	45	31,25%
2014	39	84	31	1	9	0	43	36,90%
2015	36	79	12	0	13	0	54	15,19%
2016	41	95	24	2	16	0	53	25,26%
2017	38	91	14	1	9	0	67	15,38%
2018	40	107	32	2	19	0	51	29,91%
Totais	345	-	195	6	90	3	-	56,52%

Fonte: Elaboração do autor

5.2 Curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas

Curso de nível superior, iniciado no primeiro semestre de 2012 na modalidade presencial com ofertas de turmas no período noturno, duração de 3 anos e carga horária de 2.420 horas. Seu ingresso é efetuado a partir do processo seletivo do Sisú, com oferta de 40 vagas no primeiro semestre. Curso autorizado através da resolução CS nº 17/2013 de 22 de maio de 2013 (IFES, 2016).

Analisando o curso Superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, este apresentou um total de 321 alunos ingressantes entre 2012 e 2018, tendo 85 alunos formados (26,47%) dos alunos ingressantes a partir de 2013. Apresentando um total de 172 evadidos, o que apresenta um total de 53,58%, a evasão do curso tem ficado acima dos 20%, com exceção para os anos de 2015 (13,04%) e 2016 (15,04%).

Tabela 2 – Dados gerais do curso de Tecnologia em AD Sistemas

Ano	Ingressantes	Matriculados Início Ano	Evadidos	Transf. Interna	Forma dos	Tranca dos	Faleci dos	Matriculados Final ano	% Evasão
2012	66	66	19	0	0	0	0	47	28,79%
2013	46	93	23	0	5	0	0	65	24,73%
2014	43	108	23	0	12	0	1	72	21,30%
2015	43	115	15	0	10	0	0	90	13,04%
2016	43	133	20	1	11	0	0	101	15,04%
2017	39	140	38	0	18	0	0	84	27,14%
2018	41	125	34	0	29	6	0	56	27,20%
Totais	321	-	172	1	85	6	1	-	53,58%

Fonte: Elaboração do autor

5.3 Curso Superior de Licenciatura em Biologia

Com o início de suas turmas no primeiro semestre de 2010, o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas é um curso superior na modalidade presencial, com oferta de turmas no

período noturno e duração de 4 anos. Com ingresso através do Sisú e oferta de 40 vagas no primeiro semestre de cada ano, o curso foi autorizado pela Resolução CS nº 08/2010 de 29 de março de 2010 (IFES, 2016).

Tabela 3 – Dados gerais do curso de Licenciatura em Biologia

Ano	Ingressantes	Matriculados Início Ano	Evadidos	Transf. Interna	Forma dos	Tranca dos	Faleci dos	Matriculados Final ano	% Evasão
2010	40	40	1	0	0	0	0	39	2,50%
2011	48	87	5	0	0	0	0	82	5,75%
2012	49	131	30	0	0	0	0	101	22,90%
2013	46	147	11	0	14	0	0	122	7,48%
2014	52	174	36	0	14	0	1	123	20,69%
2015	54	177	25	0	31	0	0	121	14,12%
2016	52	173	26	0	27	0	0	120	15,03%
2017	41	161	12	1	19	0	0	129	7,45%
2018	50	179	27	3	24	5	0	120	15,08%
Totais	432	-	173	4	129	5	1	-	40,05%

Fonte: Elaboração do autor

Com um total de 432 alunos ingressantes e evasão de 40,05% (173 alunos), o curso possui 129 alunos formados a partir de 2013 (29,86%) - maior taxa do *campus* e também possui a menos taxa de evasão entre os cursos estudados, com taxas que chegam a 22,90% no ano de 2012 mas que possuem como resultados bastante eficazes os anos de 2010 (2,50%), 2011 (5,75%), 2017 (7,45%) e 2013 (7,48%).

5.4 Curso Superior de Engenharia de Aquicultura

Curso de nível superior, iniciado no primeiro semestre de 2013, oferta de turmas em horário integral, duração de 5 anos e carga horária de 3.900 horas. Com o ingresso feito pelo Sisú e oferta de 40 vagas anuais no primeiro semestre. Autorizado através da Resolução CS nº 17/2013 de 22 de maio de 2013 (IFES, 2016).

Através da análise deste curso, foi verificado que, com o ingresso de 217 alunos e evasão total de 58,06% e a formação de apenas 6,91% dos alunos ingressantes (15 alunos), os resultados demonstram que os alunos possuem dificuldade com o curso de engenharia, considerado mais difícil que os demais. As taxas de evasão deste curso se coloca entre 20 e 30%, exceto nos dois primeiros anos de funcionamento do mesmo, quando o resultado foi de 32,50% (2013) e 44,12% (2014).

Tabela 4 – Dados gerais do curso de Engenharia de Aquicultura

Ano	Ingressantes	Matriculados Início Ano	Evadidos	Transf. Interna	Forma dos	Tranca dos	Afas tados	Matriculados Final ano	% Evasão
2013	40	40	13	0	0	0	0	27	32,50%

Evasão e permanência em cursos superiores de uma instituição agrícola – o caso do Campus Alegre do IFES

2014	41	68	30	0	0	0	0	38	44,12%
2015	40	78	22	0	0	0	0	56	28,21%
2016	38	94	21	5	0	0	0	68	22,34%
2017	24	92	19	0	4	0	0	69	20,65%
2018	34	103	21	1	11	7	1	62	20,39%
Totais	217	-	126	6	15	7	1	-	58,06%

Fonte: Elaboração do autor

5.5 Analisando a faixa etária

O quadro 7 (abaixo) apresenta o resultado da avaliação dos ingressantes segundo sua faixa etária no momento de seu ingresso no curso. Na análise por faixa etária, verificou-se que o maior percentual de evasão está entre os indivíduos com mais de 30 anos (65,09%) e o menor entre os indivíduos entre 21/25 anos com 47,20%.

Tabela 5 – Ingresso e evasão por faixa etária

Faixa Etária	Cafeicultura		Análise Sistemas		Biologia		Aquicultura		Totais	
	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev
<=20	211	124	199	93	267	99	145	86	822	402
21/25	90	43	58	32	94	39	44	21	286	135
26/30	15	7	33	26	37	20	14	7	99	60
>30	28	21	31	21	33	15	14	12	106	69
NI	1	0	0	0	1	0	0	0	2	0
Totais	345	195	321	172	432	173	217	126	1.315	666

Fonte: Elaboração do autor

Destacam-se no lado positivo os alunos do curso de Biologia, menores de 20 anos com 37,07% de taxa de evasão (267 ingressantes e 99 evadidos durante todo o período pesquisado) e do lado negativo os alunos do curso de Aquicultura com mais de 30 anos, com 85,71% de evasão seguidos pelos alunos de Cafeicultura, também com mais de 30 anos, com 75% de evasão

5.6 A evasão segundo a cor/raça dos alunos

O quadro 8, apresenta o quantitativo de ingressantes segundo a informação prestada pelos próprios ingressantes, onde, de um total de 1315 alunos, o campus possui um maior número de alunos brancos (670), seguidos pelos pardos (454). Em relação aos evadidos, o maior percentual está entre os indivíduos de cor branca (51,79%) seguidos também pelos de cor parda (50,88%)

Em relação aos cursos/cor/raça, o maior percentual de evasão ficou entre os alunos brancos do curso de aquicultura, com 66 evadidos em 104 ingressantes (63,46%) e o melhor

resultado ficou entre os alunos da cor preta, no curso de Biologia com 19 evadidos em 54 ingressantes (35,18%). Por possuírem um percentual bastante pequeno em relação ao ingresso, decidiu-se não utilizar os resultados dos alunos de cor amarela e indígena.

Tabela 6 – Ingresso e evasão por cor/raça

Cor / Raça	Cafeicultura		A. Sistemas		Biologia		Aquicultura		Totais	
	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev
Branca	181	97	167	95	218	89	104	66	670	347
Parda	120	72	114	59	146	60	74	40	454	231
Preta	34	21	31	13	54	19	33	17	152	70
Amarela	5	2	4	3	4	0	3	1	16	6
Indígena	2	2	2	0	2	1	1	0	7	3
NI	3	1	3	2	8	4	2	2	16	9
Totais	345	195	321	172	432	173	217	126	1.315	666

Fonte: Elaboração do autor

5.7 A evasão segundo a renda informada

A renda familiar per capita, apresentada no quadro 9, é um importante índice para se avaliar as condições socioeconômicas dos alunos e sua relação com a evasão. Percebe-se ao avaliar o quadro 9 que, dos 1315 ingressantes, 377 possuem renda entre 0,5 e 1 salário-mínimo; 262 possuem renda inferior a 0,5 salário-mínimo e 238 entre 1 e 1,5 salário-mínimo.

Tabela 7 – Ingresso e evasão por renda

Faixa renda	Cafeicultura		A. Sistemas		Biologia		Aquicultura		Totais	
	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev
RFP <=0,5SM	101	62	48	31	80	24	33	26	262	143
0,5SM<RFP<=1SM	92	47	93	50	130	52	62	47	377	196
1SM<RFP<=1,5SM	61	37	61	27	84	32	32	15	238	111
1,5SM<RFP<=2,5SM	36	12	41	21	80	41	29	13	186	87
2,5SM<RFP<=3SM	15	12	20	9	18	4	19	8	72	33
3SM<RFP<=4SM	6	2	12	7	6	1	10	5	34	15
4SM<RFP<=5SM	4	2	5	4	3	1	4	1	16	8
RFP>5SM	4	2	9	6	2	2	12	5	27	15
NI	26	19	32	17	29	16	16	6	103	58
Totais	345	195	321	172	432	173	217	126	1.315	666

Fonte: Elaboração do autor

Em relação ao percentual de evadidos, a faixa de renda com maior evasão é dos alunos que possuem renda per capita superior a 5 salários-mínimos. Entretanto, o total de ingressantes desta faixa de renda é de apenas 2,05% do total (27 em 1314). Das três faixas que mais possuem estudantes, o pior resultado está entre os que apresentam menor renda, com 54,58% (10,87% do total de ingressantes) de evasão dos alunos que estão na faixa inferior a 0,5 Salário-mínimo.

5.8 A evasão segundo o sexo

Evasão e permanência em cursos superiores de uma instituição agrícola – o caso do Campus Alegre do IFES

Em relação ao sexo, o estudo da evasão no campus verificou que a maioria dos ingressantes é do sexo masculino com 716 alunos e evasão de 361 alunos, com resultado de 50,41% (ou 27,45% do total). Como os ingressantes do sexo feminino (599 alunos) contam com 50,91% (305 alunos) de evasão (ou 23,19% da totalidade), verifica-se que o fator sexo não influencia na hora da decisão pela evasão.

Tabela 8 – Ingresso e evasão por sexo

Sexo	Cafeicultura		Análise Sistemas		Biologia		Aquicultura		Totais	
	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev	Ing	Ev
Masc	189	91	246	129	155	72	126	69	716	361
Fem	156	104	75	43	277	101	91	57	599	305
Total	345	195	321	172	432	173	217	126	1.315	666

Fonte: Elaboração do autor

6. Considerações Finais

Este artigo partiu de um estudo sobre a evasão em um *campus* do Instituto Federal do Espírito Santo que, fundado na década de 1940 como uma Escola Agrícola, ainda hoje permanece com a maioria de seus cursos nesta linha. Foram escolhidos os cursos de ensino superior ofertado pelo *campus*, através de uma análise baseada nos conceitos de Spady (1970) e utilizando quatro das seis categorias apontadas por este: Teóricas, censitárias, estudos de caso e abordagem descritiva.

Este estudo apontou como perfil do aluno evadido ter mais de 30 anos de idade, ser da cor branca com renda per capita inferior a 0,5 Salários-mínimos, independente do sexo. Entretanto, serão necessários novos estudos com mais dados para apontar definitivamente um perfil destes alunos de forma a que possa haver a identificação precoce deste aluno e consequentemente serem tomadas medidas de prevenção.

Referências

BAGGI, C.A. dos S.; LOPES, D.A. **A evasão e avaliação institucional no ensino superior**. Uma discussão bibliográfica. Avaliação. Campinas: Sorocaba, SP, v.16, n.12, p. 355-374, jul, 2011.

BERGUER J.B.; LYON, S.C. A historical look at retention. In: SEIDMAN, A. College Student Retention – Formula for student succes. **American Council on Education**. Westport: Praeger. 2005.

BRASIL. Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação. **Diário Oficial** [da] República Federativa do Brasil, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior / Ministério da Educação. **Comissão Especial de Estudos sobre a Evasão nas Universidades Públicas Brasileiras.** 1996/1997. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001613.pdf> Acesso em 21/06/2017.

BRISSAC, R.M.S. **Fatores anteriores ao ingresso como preditivos de evasão nos anos iniciais dos cursos superiores de tecnologia.** Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

CASTRO, A.K. dos S.S. de. **Evasão no ensino superior:** um estudo no curso de psicologia da UFRGS. Dissertação de Mestrado em Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

CISLAGHI, R. **Um modelo de sistema de gestão do conhecimento em um framework para a promoção da permanência discente no ensino de graduação.** Tese de Doutorado em Engenharia de Gestão do Conhecimento – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CUNHA, E.R., MOROSINI, M.C. **Evasão na educação superior:** Uma temática em discussão. Revista Cocar. Belém, PA, v.7, n.14, p. 89-89, ago-dez 2013.

CUNHA, A.M.; TUNES, E.; SILVA, R.R. Evasão do curso de Química da Universidade de Brasília: a interpretação do aluno evadido. Química Nova, Vol. 24, No. 1. Cunha, Tunes & Silva, 2001.

Diário Oficial da União 1946. In: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/1946/> Acesso em 15/06/2019.

FREGONEIS, J.G.P. **Estudos do Desempenho Acadêmico nos Cursos de Graduação dos Centros de Ciências Exatas e de Tecnologia da Universidade Federal de Maringá:** Período 1995-2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

FREITAS, R.S. **A ocorrência da evasão do ensino superior** – Uma análise das diferentes formas de mensurar. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2016.

GAIOSO, N.P. de L. **O fenômeno da evasão escolar na educação superior no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.

GONÇALVES, O.L. Interiorização e Internalização das Externalidades: Um estudo sobre a implantação do *campus* Guarapari do Instituto Federal do Espírito Santo. **Revista IfesCiência**, v. 4 n. 1, p. 79 a 94, 2018.

Evasão e permanência em cursos superiores de uma instituição agrícola – o caso do Campus Alegre do IFES

HEIJMANS, R.D.; FINI, R.; LUSCHER, A.Z. Insucesso, fracasso, abandono, evasão... um debate multifacetado. In: CUNHA, D.M. et al, **Formação/Profissionalização de professores e formação profissional e tecnológica**. Belo Horizonte: Ed. PUCMinas, 2013.

IFES. **Instituto Federal do Espírito Santo**, campus Alegre (2016). In: <https://alegre.ifes.edu.br/index.php/component/content/article?id=17706> Acesso em 20/10/2018.

KIPNIS, B. A pesquisa institucional e a educação superior brasileira: um estudo de caso longitudinal da evasão. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 6, n. 11, p. 17- 32, jul./dez. 2000.

LINS, M.L.; SILVA, R.V. **Estudo da evasão acadêmica – 1970 – 2005**. Relatório Técnico. Departamento de Engenharia Mecânica da UFSC, 2005.

LOBO, M.B. de C.M. Panorama da evasão no ensino superior brasileiro: aspectos gerais das causas e soluções. **ABMES Cadernos**, Brasília, set/dez. 2012.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ROBBINS, S., LAUVER, K., LE, H, DAVIS, D., LANGLEY, R., CARLSTRON, A. Do psychological and study skill factors predict college outcomes? A Meta – Analysis. **Psychological Bulletin**. 2004.

SCHARGEL, F.P., SMINK, J. **Estratégias para auxiliar o problema de evasão escolar**. Rio de Janeiro: Dunya, 2002.

SILVA, F.I.C. da; RODRIGUES, J.de P.; BRITO, A.K.A.; FRANÇA, N.M. de. Evasão escolar no curso de Educação Física da Universidade Federal do Piauí. **Revista de avaliação da educação superior**. Sorocaba, vol. 17, n.2, Jul 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772012000200006&script=sci_arttext>. Acesso em 18/06/2019.

SILVA FILHO, R.L.L.; MOTEJANAS, P.R.; HIPÓLITO, O.; LOBO, M.B. de C.M. A evasão no Ensino Superior Brasileiro. Instituto Lobo para o Desenvolvimento da Educação, da Ciência e da Tecnologia. **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas. São Paulo, 2007

SPADY, W.G. Dropouts from Higher Education: An interdisciplinary review and synthesis. **Interchange**. v.1. 1970.

TIBOLA, J.A. **Antecedentes da lealdade e da permanência de alunos em uma instituição de ensino superior**. Dissertação de mestrado em Administração. Universidade Regional de Blumenau. 2010.

TINTO, V. Classrooms as communities: exploring the educational character of studente persistente. **Journal of Higher Education**. V.68, n.6, 1997.

UNESCO. **Términos de Referência para Estudios Nacionales sobre Deserción y Repitencia em la Educación Superior em América Latina y el Caribe**, 2004.

Nota

ⁱ No cálculo anual, o valor da evasão é a divisão do número de evadidos pelo número de matriculados no ano, já a evasão total do curso é a divisão dos somatórios de todos os alunos evadidos pelo total de ingressantes no curso, o que dá no resultado final um valor mais elevado do que a simples média dos anos.

Sobre os autores

Oldair Luiz Gonçalves

Bacharel em Administração (UNICES - 2008); Especialista em Gestão de Organizações do Terceiro Setor (UNICES - 2009); Mestre em Economia (UFES - 2011); Doutorando em Administração (UFBA - Turma de 2016); Professor EBTT do Instituto Federal do Espírito Santo - campus Guarapari E-mail: oldairluiz@gmail.com
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9779-6126>

João Martins Tude

É doutor em Administração pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2014), com período sanduíche na Michigan State University, mestre em Ciência Política pela Universidad Complutense de Madrid (2010), mestre em Administração pela UFBA (2007), especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Faculdade São Bento (2007) e bacharel em Administração também pela UFBA (2005). Atualmente, é professor adjunto e vice-diretor da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia (EAUFBA). Seus interesses de estudo e pesquisa são voltados para os estudos críticos e epistemológicos da Administração, os quais acabam abrangendo diversas temáticas, como a gestão de processos de desenvolvimento sócio-territorial, a Economia Solidária, as Políticas Públicas, a Administração Política e as Organizações Internacionais e Governança Global. E-mail: joamtude@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1104-8312>

Jair Sampaio Soares Junior

Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia, Doutor (2010) e Mestre (2004) em Administração pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é consultor ad-hoc do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, professor da Universidade Católica do Salvador e Estatístico da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência nas áreas de Estatística e Marketing, com ênfase em Sistemas de Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: indicadores, sistemas de suporte à decisão, sistemas de informação de marketing, pesquisa de marketing e data mining. E-mail: jairsoaresjr@yahoo.com.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7178-9120>

Recebido em: 23/06/2019

Aceito para publicação: 20/07/2019